

- BRUSCIA, Kenneth. Definindo Musicoterapia. 2a Ed. Rio de Janeiro: Enelivros. 2000.
- CID 10. Transtorno delirante orgânico [tipo esquizofrênico]. Disponível em: www.fau.com.br/cid/webhelp/f06.htm
- COSTA, Clarice Moura. O Despertar para o Outro: Musicoterapia. São Paulo: Summus, 1989.
- FIALHO, Guilherme Loureiro. Psicomotricidade. 2005. Disponível em: <http://www.ccs.ufsc.br/psiquiatria/981-07.html>
- MARCHETTI RL, CREMONESE E, CASTRO APW. Psicoses e Epilepsia. São Paulo: Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology 2004; 11(3):131-136. Disponível em Google Acadêmico: J Epilepsy, 2004 - epilepsia.org.br
- PEROSA, João Pedro B. O Vínculo no Acompanhamento Terapêutico em Instituições. Revista PSYU N°8 - Coluna PROFISSÃO - Junho/2001. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br>
- RICIERI, Marilucia. O relacionamento interpessoal entre o líder e sua equipe. Disponível em <http://www.ingrupochp.com.br>. Acesso em 26/03/2009.
- RZEZAK P, FUENTES D, GUIMARÃES CA, et al. A Disfunção do Lobo Frontal em Crianças e adolescentes com Epilepsia de Lobo Temporal e sua Possível correlação com a Ocorrência de Transtornos Psiquiátricos. São Paulo: Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology 2005; 11(3):131-136. Disponível em Google Acadêmico: J Epilepsy, 2005 - epilepsia.org.br
- SAKAI, F. A.; LORENZZETTI, C; ZANCHETTA, C. Musicoterapia corporal. In: Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. Anais... Centro Reichiano, 2004.
- SENNES, Elisabeth Fernandes Nogueira. A música na educação. 2008. Disponível em: <http://www.portalobjetivo.com.br>. Acesso em 26/03/2009.
- Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Catira>. Acesso em 26 de março de 2009
- YOZO, Ronaldo Yudi K. 100 Jogos para Grupos: Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas. São Paulo: Ágora. 1996.

97- (Re) Pensando e pondo em questão uma discussão epistemológica na Musicoterapia – será que ela já foi composta? Patrícia Wazlawick/PR¹ e Kátia Maheirie/PR.²

RESUMO

Partindo de uma perspectiva de que o conhecimento científico é sempre construído e de que as 'verdades' devem ser contextualizadas, lida-se com conhecimentos provisórios. Neste ponto se encontra a Epistemologia ou chega-se a discussões epistemológicas, para se discutir sobre o fundamento filosófico que sustenta campos de conhecimento e campos de prática, junto a suas matrizes de conhecimento/matrizes filosóficas. Nesse sentido, pretende-se discutir alguns aspectos epistemológicos na área da musicoterapia, campo no qual uma das queixas salientadas é a da escassez de "teoria científica específica" (SHAPIRA, 2002). E segue-se manifesta a preocupação entre os profissionais musicoterapeutas de que ainda há muito a se fazer no que diz respeito ao desenvolvimento teórico da musicoterapia (ibid.). No entanto, a musicoterapia como ciência é produzida pelos próprios profissionais que a estudam e que com ela trabalham. Ela é o que os profissionais musicoterapeutas fazem dela e com ela, situados em momentos históricos definidos, por isso é fundamental a exatidão do pesquisador. Assim, percebe-se que já começa a existir uma diversidade de práticas e atuações em musicoterapia, e que se começa a lidar com 'as' 'musicoterapias', muito mais que com 'a musicoterapia', e com teorias e fundamentações nas musicoterapias. Que as práticas vão além da clínica, que existe uma pluralidade neste fazer, e que na investigação científica/pesquisa, há muito a ser trilhado e construído.

Palavras-chave: Discussão epistemológica e musicoterapia. Produção do conhecimento. Exatidão do pesquisador.

ABSTRACT

From a perspective that scientific knowledge is always constructed and that the 'truth' must be contextualized, dealing with knowledge is provisional. At this point is reached or the Epistemology is the philosophical discussion, to discuss the philosophical foundation of knowledge that supports fields and fields of practice, with knowledge of their mother/mother philosophical. Accordingly, it is intended to discuss some epistemological issues in the area of music, a field in which the complaints highlighted is the lack of "specific scientific theory" (SHAPIRA, 2002). And it follows a clear concern among professionals musicoterapeutas that there is still much to do in regard to the development of music theory (ibid.). However, the music and science is produced by the professionals that study and work with it. It is what the professionals do it musicoterapeutas and with it,

¹ Patrícia Wazlawick é musicoterapeuta, atua na área clínica e área educacional. Mestre em Psicologia (UFPR), e doutoranda em Psicologia (UFSC). Atua em formação continuada a professores da educação infantil e interface com musicoterapia e práticas musicais. Pesquisadora integrante do NUPRA (Núcleo de Pesquisa em Constituição do Sujeito: Práticas Sociais, Relações Estéticas e Processos de Criação). E-mail: patricia.wazla@terra.com.br

² Kátia Maheirie é psicóloga, doutora e mestre em Psicologia (PUC-SP), professora do departamento e do PPGP-Mestrado/Doutorado UFSC. Coordenadora do NUPRA.

located in historic moments defined, so it is essential to accuracy of the researcher. Thus, we are already beginning to have a diversity of practices and performances in music, and are beginning to deal with 'the' 'music', much more than with 'the music', and theories and arguments in music. Practices that go beyond the clinic, there is a number that do, and that the research / scientific research, there is much to be built and tracks. Key-words: epistemological debate and music therapy. Production of knowledge. Accuracy of the researcher.

1 INTRODUÇÃO

Este texto é um recorte do trabalho final da disciplina Fundamentos Históricos e Epistemológicos da Psicologia,³ curso de Doutorado em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Catarina. O objetivo do trabalho foi problematizar uma reflexão epistemológica na área da musicoterapia, bem como discutir aspectos relacionados à exatidão do pesquisador.

Epistemologia é sinônimo de Filosofia da Ciência e Teoria do Conhecimento. Enquanto Filosofia da Ciência, ramificação da Filosofia Moderna, é um tipo de conhecimento crítico, sobre a própria ciência, que analisa os fundamentos e os princípios considerados válidos para o conhecimento científico. Esta prática nasce com a própria ciência, no advento da Modernidade. Como Teoria do Conhecimento, direciona-se à historicidade do conhecimento. Os conhecimentos são criados, produzidos em determinados momentos históricos, prevalecem por períodos e tempos situados, caracterizam situações sócio-econômicas concretas.

Um aspecto imprescindível nesta discussão é a coerência nas práticas e nos campos de conhecimento. Existe um limite ético e deve haver fidelidade ao objeto (PRADO FILHO, 2006). Deve-se manter o rigor, não um rigor objetivista, reducionista, que generaliza, mas rigores científicos próprios de cada perspectiva, tais como rigor de método; da fundamentação das afirmações – que resgate as raízes filosóficas do solo daquele conhecimento; rigor epistemológico – coerência entre as orientações da prática, a compatibilidade com os resultados decorrentes; rigor nas afirmações – que sejam contextualizadas a partir das perspectivas com as quais se trabalha, que sejam menos taxativas e classificatórias. Rigor que articule respeito, seriedade e ética na produção do conhecimento.

Retornando à musicoterapia, percebemos que neste campo uma das queixas salientadas pelos profissionais é a da escassez de 'teoria científica específica' (SHAPIRA, 2002). Dedicaremos atenção, de modo breve, a esta discussão, para, a partir dela sinalizarmos a relevância de uma discussão epistemológica na musicoterapia, assim como a importância da exatidão do pesquisador.

³ Disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Kleber Prado Filho – professor do Departamento e do PPGP-UFSC, 2006.

2 Musicoterapia e Epistemologia

A musicoterapia é um campo de conhecimento e de práticas, que, tal como apontado por Bruscia (2000), se fez transdisciplinar⁴ desde sua origem. Shapira (2002), como Bruscia, enfatiza que a musicoterapia reconhece algumas disciplinas principais que formam seus pressupostos. Segundo Shapira os conhecimentos dos quais a musicoterapia se vale são extraídos de outros campos de investigação onde já foram comprovados, categorizados, e se constituem como ferramentas indispensáveis para abordar sua problemática com melhores perspectivas.

Segue-se manifesta a preocupação entre os profissionais musicoterapeutas, pelo menos no âmbito brasileiro e latino-americano, de que ainda há muito a se fazer no que tange ao desenvolvimento teórico da musicoterapia (SHAPIRA, 2002). A celeuma permanece, questiona-se a pouca produção teórica, a falta de pesquisas na área, a falta de incentivo à pesquisa, enfim, a carência de produção, e ao embaraço no que diz respeito às considerações epistemológicas nas concepções de musicoterapia, que, na visão de Shapira (2002) se fazem presente uma vez que se busca a adesão, contemplação e inclusão na constituição do conhecimento musicoterápico a conhecimentos provenientes de outros campos de conhecimento. Ou seja, a transdisciplinaridade originária se faz agora um problema: não existe uma discussão teórica, epistemológica própria da musicoterapia. E a busca por fundamentações para a musicoterapia em outras áreas de conhecimento seria, a partir de então, um problema (SHAPIRA, 2002).

Percebemos que, enquanto justificativa teórica para estabelecer o nascimento da musicoterapia como ciência, a questão de transdisciplinaridade é válida, pois enfatiza que se constitui de conhecimentos sólidos em outros campos, os quais passam a constituir um novo campo. No entanto, como vai se sistematizando, se fazendo presente como campo de prática, se desenvolvendo e aparecendo no panorama atual, intentando se firmar como ciência? Temos de enfatizar que a musicoterapia não é uma entidade abstrata, distanciada daqueles que a fazem – a musicoterapia como ciência é produzida pelos profissionais que com ela trabalham, se graduam nas universidades, fazem cursos de especialização, pós-graduação mestrado/doutorado, que pesquisam, atuam, que trabalham em instituições e que ministram aulas de musicoterapia. Ela é o que os profissionais musicoterapeutas fazem dela e com ela, situados em momentos históricos definidos – aí adentra a imprescindível questão da exatidão do pesquisador. Então, viemos dizer que a busca por fundamentações em outros campos de conhecimento é que está prejudicando o crescimento da musicoterapia. Se está, está sendo buscada e intencionada por quem? Mais uma vez são os próprios profissionais da área. Não basta

⁴ "A transdisciplinaridade permite pensar o cruzamento de especialidades, o trabalho de interfaces, a superação das fronteiras, a migração de um conceito de um campo de saber para outro, além da própria unificação do conhecimento". "A interdisciplinaridade, outra forma de linguagem encontrada para buscar a relação entre os conhecimentos disciplinares, transfere métodos de uma disciplina para outra, em três graus distintos: de aplicação, epistemológico e de geração de novas disciplinas. Supera a visão disciplinar, porém, permanece inscrita na pesquisa disciplinar" (PEDROTTI, 2005).

dizer que o problema é o fato de se buscar fundamentações fora do âmbito da musicoterapia, pois, de início ela é transdisciplinar, é uma disciplina híbrida, e agora isto não vale mais para sua fundamentação?

A musicoterapia, em um panorama mundial, conta oficialmente com cinco modelos teóricos (SHAPIRA, 2002), a saber (1) Modelo Nordoff-Robbins de Musicoterapia Criativa e Improvisacional, orientação na psicologia humanista, criado pelo músico Paul Nordoff e o educador Clive Robbins, 1960, Estados Unidos; (2) Modelo GIM (Guided Imagery and Music) - Imagens guiadas e música, orientação na psicologia humanista, criado pela musicista Helen Bonny, 1960, Estados Unidos; (3) Modelo de Musicoterapia Analítica, sistematizado por Mary Priestley, 1960, Inglaterra; (4) Modelo Benenzon, fundamentado na psicanálise, psiquiatra Dr. Rolando Benenzon, 1960; (5) Modelo de Musicoterapia Behaviorista, sistematizado por Clifford Madsen, 1970, Estados Unidos. Surpreendente é que se apresenta entre os musicoterapeutas, de modo geral, um desconhecimento teórico/prático destes modelos teóricos⁵ (SHAPIRA, 2002). Uma pesquisa realizada por Shapira e cols. (2000), sobre aspectos da fundamentação teórica da musicoterapia na Argentina, revela que:

Simplesmente mencionaré que una de las tristes conclusiones, es que los musicoterapeutas nos hemos formado en la ignorancia del desarrollo teórico que la musicoterapia produjo en el resto del mundo, desde la década del sessenta en adelante. Incluso con respecto al modelo Benenzon, considerando como el modelo latinoamericano, apenas el cincuenta por ciento de los musicoterapeutas argentinos se siente capacitado para aplicarlo. Entiéndase bien. No se trata si se está o no de acuerdo con sus postulados teóricos, sino con el grado de conocimiento del mismo. En outro de los casos, como en del modelo Nordoff-Robbins del cual hay infinidad de libros publicados, apenas el cuatro por ciento (4%) adquirió algún conocimiento en la universidad, y más del ochenta por ciento (80%) declaró sus conocimientos acerca del mismo entre escasos y nulos (SHAPIRA, 2002, p. 15).

Em meio a estas questões, voltando ao aspecto da fundamentação teórica, Shapira (2002) destaca que a construção de proposições teóricas está relacionada com a concepção de ser humano, com os conhecimentos pressupostos resgatados a partir deste ponto, e com as correntes teóricas ou de pensamento que são descritas dentro das disciplinas. Pontua também que cada profissional 'escolhe' uma determinada concepção de ser humano de acordo com a visão de mundo, que vai orientar seu trabalho. Para a musicoterapia, estas correntes teóricas ou de pensamento não veem de outro lugar senão das formulações já realizadas nas áreas da filosofia e da(s) psicologia(s).

Historicamente a musicoterapia se aproximou da psicologia buscando fundamentações teóricas principalmente nas abordagens de psicologia comportamental, psicanálise e psicologia humanista, uma vez que a sua preocupação principal era com a atividade clínica musicoterápica. Diz Shapira (2002): "considero que

⁵ Definição oficial a partir do IX Congresso Mundial de Musicoterapia realizado no ano de 1999, na cidade de Washington, EUA (SHAPIRA, 2002).

de acuerdo a la línea que se escoja seguir será la manera de pensar un tratamiento, de concebir al paciente y al musicoterapeuta, y de leer el proceso musicoterapêutico" (p. 25). O foco do que existe em termos de pesquisas em musicoterapia, em nível mundial, é do trabalho clínico, com patologias e problemáticas já instaladas no ser humano. A ênfase recai, na maioria das vezes, no aspecto da aplicação terapêutica.

De modo geral a prática da musicoterapia está circunscrita à clínica, à aplicação terapêutica, e a preocupação com a pesquisa é com uma fundamentação ou uma explicação para o fenômeno terapêutico da música. É uma preocupação que enfatiza de que modo mostramos/afirmamos que esta prática clínica terapêutica é uma prática científica, e que este campo de conhecimento é científico. Uma preocupação que se direciona ao fato de que um maior número de musicoterapeutas deveriam se dedicar à pesquisa, no sentido de se ter profissionais que trabalhassem apenas e exclusivamente com pesquisa a partir da clínica. Ao passo em que não se percebe de que cada profissional pode se tornar pesquisador em sua área de atuação, quando se compromete com rigores, tal como apontados no início do texto, e passa a realizar investigações, a contribuir para a discussão teórico-epistemológico-metodológica da musicoterapia, ao parar de atuar em base a crenças, e sair de uma concepção tradicional de pesquisa científica, que deve ser realizada por um profissional que seja apenas pesquisador e atue em um 'laboratório' – o local próprio e exclusivo para a realização e pesquisas.

Toda vez que as definições de musicoterapia retomam os fazeres de recuperar, manter, restaurar e melhorar aspectos da saúde de um sujeito por meio da relação terapêutica a partir das experiências musicais, direcionam-se a uma prática clínica, esquecendo que a atividade pode também ser realizada em termos de reabilitação, prevenção e estimulação, além de enfoque de tratamento. Aí o campo de prática amplifica-se, bem como o campo de investigação. E isto tudo não desmerece o assim chamado fenômeno terapêutico da música na musicoterapia – ao invés, pode permitir olhá-lo a partir de um novo olhar, sob outras perspectivas. Porém, depende do olhar do musicoterapeuta – seja esse um olhar cansado, viciado, repetidor, ou um olhar estrangeiro, tal como definido por Calvino (1990).

Parece que a preocupação central, atualmente, em termos de fundamentação e produção teórica na musicoterapia é, além da concepção filosófica e psicológica de base, centrar o eixo de alinhamento do desenvolvimento dos modelos musicoterapêuticos, buscando refleti-los e discuti-los nas tendências próprias da musicoterapia (SHAPIRA, 2002). Justo, mas não se faz isto isolando a disciplina das trocas e discussões com outros saberes e conhecimentos – os mesmos que no início ajudam a fundar a musicoterapia como ciência, pois senão o discurso da transdisciplinaridade e interdisciplinaridade é sem causa. Pelo contrário, o que temos de considerar e fazer, é não mais adaptar procedimentos e terminologias das abordagens da psicologia – como muito se fez e se têm feito – ou importar conceitos e explicações e reproduzi-los na prática da musicoterapia sem a devida crítica e compreensão. Se a musicoterapia busca 'a maioridade', que a faça na interlocução, no campo de troca e de embates com as demais disciplinas, no movimento dialético (VYGOTSKI, 2000) e dialógico (BAKHTIN, 2003, 2006), pois nesta trama as ciências se constituem, na

diversidade, nos múltiplos olhares, de onde nasce ou se constrói a singularidade.

Então, um dos pontos é permitir a interface, discutir, re-pensar, refletir conceitos, ideias, fundamentações, práticas, considerar criticamente, considerar as diferenças de propostas e práticas, para verificar as possibilidades de inovações, de criação e construção de fundamentação para a musicoterapia. Onde está a transdisciplinaridade ou interdisciplinaridade de base? São discursos vazios? Ser transdisciplinar ou interdisciplinar não é apenas dizer que se é. Mas dialogar, fazer pontes de discussão, ampliar as perspectivas de fundamentação e discussão teórica, para inovar e construir a(s) práticas(s) da(s) musicoterapia(s), além das fronteiras de uma prática apenas clínica, para construir conhecimentos que sejam relevantes para este campo de conhecimento/prática, nesta nova configuração de mundo que é a contemporaneidade – conhecimentos que sejam postos em questão, e que sejam úteis, de fato, aos seres humanos.

3 Questionando o pesquisador

Considerando os pontos discutidos acima, permanece a questão: quem é o homem que produz estes conhecimentos?

Faz-se fundamental uma reforma do pensamento – tal como enfaticamente apontado pelo paradigma da Complexidade (MORIN, 2002). Essa ação cabe a cada sujeito envolvido na produção de conhecimento na musicoterapia. Wittmann e Marchi (2008, p. 45) referenciam Senge (1990), quando fala de metanoia, ou seja, uma “alteração fundamental ou movimento da mente”. Sem metanoia as mudanças propostas – que devem se dar primeiramente à nível singular, para depois se tornarem coletivas e no âmbito de prática e produção de conhecimento – não existem. O musicoterapeuta, portanto, como um sujeito situado sócio-historicamente, e operador em seu contexto profissional, é um sujeito que deve sustentar este processo, que requer uma postura de responsabilidade frente ao trabalho, frente à pesquisa e produção de conhecimento.

Para isto, como explica Meneghetti (2003) e Carotenuto (2009), é necessário a exatidão do pesquisador – entendido aqui seja como qualquer profissional operador no social, profissional, bem como o pesquisador no sentido denotativo do termo. Neste sentido:

Não é importante que um pesquisador seja um gênio, mas que seja exato, de modo normal, comum, porque se é exato (...) o grande economista não dirá que tudo está indo mal por causa da intervenção da política bancária do momento, quando outras pessoas naquele infortúnio criam riqueza individual. Na pesquisa científica cada um faz projeção do próprio estado de existir (MENEGETTI, 2003, p. 38-39).

Nesta direção, conforme os autores acima, um método funciona se o instrumento é exato. Pode-se colocar o seguinte questionamento: por que muitas das práticas realizadas e assumidas pelos diversos profissionais das diversas áreas não funcionam de fato ou desenrolam-se em tantas complicações e problemáticas? Onde estariam os entraves?

Segundo Carotenuto (2009) qualquer sujeito que demonstre externamente funcionalidade circular a si mesmo certifica ser um homem exato, onde “o critério constante da exatidão científica é a sanidade do pesquisador” (p. 261). Dessa forma, ser um sujeito operador no social e pesquisador exato é uma postura de séria responsabilidade do sujeito primeiramente consigo mesmo, da forma como age em sua vida, que se estende para as dimensões de sua atuação profissional e do compromisso com a produção do conhecimento, e da forma como é o seu estilo de vida. Desafiamos os musicoterapeutas a este empreendimento.

Verificamos, então que se retorna e se intensifica a compreensão de que “a diferença no sucesso de qualquer atividade não é mais devida apenas à técnica, mas ao indivíduo” (BERNABEI, 2003, p. 16), pois aquilo que realmente faz funcionar uma ciência e suas produções científicas são as pessoas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, assim, que o compromisso é pessoal, e no contexto de produção do conhecimento é um compromisso das pessoas que dão vida à prática científica. Ao mudarem-se as formas de pensar, ao questionar e pôr entre parênteses os estereótipos/modelos de comportamento, ao se revisar constantemente, é possível mudar-se a forma como cada pessoa vê a si mesmo, como vê o mundo, como vê e considera seu espaço de trabalho. Sem dúvida isso afeta os resultados da produção do conhecimento, e cada sujeito pode perceber que pode (re)criar, enfim, mudar a realidade – porém, sempre com o direcionamento de ser um sujeito exato, capaz de fazer ciência exata.

Com esta postura, estaremos crescendo cada vez mais quando nos dermos conta que já começa a existir uma diversidade de práticas e atuações na musicoterapia, e aí começamos a lidar com as 'musicoterapias', muito mais que com a musicoterapia, e com teorias e fundamentações nas musicoterapias, muito mais que com 'uma' ou 'a' teoria da musicoterapia. Que as práticas já vão além da clínica, que de fato existe uma pluralidade neste fazer, e que na investigação científica, na pesquisa, há muito a ser trilhado.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail; (VOLOCHÍNOV). Marxismo e filosofia da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BERNABEI, Pamela. Psicologia managerial: o conhecimento que consente a escolha ótima. p. 15-26. Em: Psicologia Managerial. São Paulo: FOIL, 2003.
- BRUSCIA, Kenneth E. Definindo Musicoterapia. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CALVINO, I. Cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAROTENUTO, Margherita. Histórico sobre as teorias do conhecimento. Recanto Maestro: Psicológica Ed., 2009.
- MARCHI, Jamur J., WITTMANN, Milton L. Princípios da Teoria da Complexidade aplicados à gestão das organizações. Em: WITTMANN, Milton L. (Org.). Administração: Teoria Sistêmica e Complexidade. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008. p. 41-61.

MENEGHETTI, Antonio. Genoma ôntico. 2. ed. Recanto Maestro: Psicológica Ed., 2003.
MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
PEDROTTI, Alceu. Multidisciplinaridade no estudo de agrossistemas. Disponível em <<http://www.mufs.ufs.br/rn/artigos1.asp?cod=58>>. Acesso em: 15 abr. 2005.
SHAPIRA, Diego. Acerca del problema de la teoria en musicoterapia. Em: SHAPIRA, Diego. Musicoterapia. Facetas de lo inefable. Rio de Janeiro: Enelivro, 2002. p. 3-30.
VYGOTSKI, Lev S. Manuscrito de 1929. Revista Educação & Sociedade. Trad. brasileira do russo. Campinas: Cedes, 71, p. 21-45, 2000. (Originalmente publicado em 1929).

98- O Movimento Estudantil Frente aos Desafios da Musicoterapia. Ana Carolina Arruda Costa/RJ¹, Lucas Antunes Tibúrcio/RJ² e Pollyanna Ferrari/RJ³

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão acerca do papel do movimento estudantil, da graduação em musicoterapia, frente aos desafios dessa profissão. Para isso, evidencia a importância da intervenção dos Centros e Diretórios Acadêmicos nos âmbitos educacionais, culturais e sócio-políticos. É fundamental, para tanto, o esclarecimento das funções de um Centro Acadêmico, bem como de suas possíveis áreas de atuação. Esse estudo teórico apresenta como exemplificação a atividade do Centro Acadêmico de Musicoterapia – Rio de Janeiro do Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (CAMT-RJ/CBM-CEU) discorrendo sobre seu histórico. Esta reflexão baseia-se na produção literária de musicoterapeutas acerca da formação profissional, da atualização, atuação e da mobilização política da categoria, assim como na experiência do CAMT-RJ/CBM-CEU. Espera-se com este escrito incentivar a criação de Centros Acadêmicos e de outras entidades representativas do curso, a nível estadual e federal, bem como o fortalecimento e ampliação do movimento estudantil e por consequência do movimento da classe musicoterapêutica.

PALAVRAS CHAVES: Movimento Estudantil, Musicoterapia, Desafios.

THE STUDENT MOVEMENT FACE UP TO MUSIC THERAPY CHALLENGES

ABSTRACT

The present work introduces a reflection concerning the student movement's paper, at music therapy graduation, face up to the challenges of that profession. For that reason, it evidences the importance of the Academics Centers and Directories interventions in the educational, cultural and sociopolitical range. It is necessary the explanation of an Academic Center functions, as well as of their possible areas to act. That theoretical study presents as an example the activity of the Centro Acadêmico de Musicoterapia – Rio de Janeiro do Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (CAMT-RJ/CBM-CEU) talking about it report. This reflection bases on the literary production of music

¹ Ana Carolina Arruda é aluna do 4º ano de Musicoterapia do CBM-CEU. Vice-Presidente do CAMT-RJ/ CBM-CEU (2007/2008 e 2008/2009). Graduação em Psicologia na UFRJ trancada atualmente. Estagiária da Clínica Social de Musicoterapia Ronaldo Millecco e do Instituto Nacional de Câncer anacarolinaarrudacosta@yahoo.com.br

² Lucas Tibúrcio é aluno do 4º ano de Musicoterapia. Vice-Presidente e membro fundador do CAMT-RJ/CBM-CEU (2006/2007). Presidente do CAMT-RJ/CBM-CEU (2007/2008). Atualmente, 2º Tesoureiro do CAMT-RJ/CBM-CEU. Bacharelado em violão no CBM-CEU trancado atualmente. Estagiário da Clínica Social de Musicoterapia Ronaldo Millecco e do Instituto Nacional de Câncer. lucasantunes@terra.com.br

³ Pollyanna Ferrari é graduada em Musicoterapia pelo CBM-CEU. Cursa pós-graduação em Saúde Mental pela UFRJ nos moldes de Residência, atuando no Instituto Municipal Phillippe Pinel e no CAPs Ernesto Nazareth. Presidente e membro fundadora do DCE Pedro Dominguez (2005/5/2006). Presidente e membro fundadora do CAMT-RJ/CBM-CEU (2007/2008). 2ª Secretária da AMT-RJ (2008/2010). pollyannaferrari@globo.com